

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: PERSPECTIVAS E ENFRENTAMENTOS

Éllen Freitas¹, Erlane Pacheco¹, Heloisa Conceição¹, Eduarda Nayva¹, Júlia Carvalhal²

¹Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: < eduardanayvabello01@gmail.com>, < erlane.pch@gmail.com>, < ellencristina092001@gmail.com>, < helomary165@gmail.com>

² Professora EBTT do Instituto Federal do Tocantins - IFTO. e-mail: < julia.carvalhal@ifto.edu.br>

Resumo: Esta pesquisa propõe a identificação e problematização da construção das performances sociais das mulheres na contemporaneidade, considerando as identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea. Numa perspectiva teórica e metodológica observa um grupo específico de sujeitos inseridos no **contexto de multiculturalismo brasileiro** em confronto com teorias feministas e estudos de gênero. Tem, assim, o objetivo de analisar papéis sociais desempenhados por mulheres, a fim de entender de que forma as imposições sócio-culturais impõem enfrentamentos afetos às relações cotidianas. Com isso, visa provocar uma reflexão acerca dos direitos das mulheres e promover discussões sobre possíveis mudanças. Assim, buscará discutir a relação cultural dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres em diferentes âmbitos, confrontando os dados coletados com a noção de Erving Goffman (1989) e Judith Butler (2008) de papel social e performance de gênero.

Palavras-chave: feminismo, igualdade de gênero, performance de gênero, representatividade

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve início em agosto de 2018, a partir de um grupo de estudos intitulado “Grupo de Ação Feminina” (G.A.F). Semanalmente o grupo se reúne para discutir textos sobre a temática feminista e planejar ações de conscientização e problematização do espaço das mulheres na contemporaneidade no âmbito do campus Colinas do Tocantins – IFTO. Assim, foram identificados quatro segmentos nos quais as integrantes iriam discutir: as mulheres no esporte e a desvalorização relativa ao gênero, a inserção de mulheres na área de agropecuária, a sexualização da mulher e os papéis sociais impostos culturalmente ao gênero feminino. Segundo Juliana Jayme

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança. (JAYME, 2002, p. 01)

Diante disso, busca-se aqui a reflexão acerca do papel desses sujeitos na contemporaneidade, não a rotulação de conceitos. As modificações continuam e continuarão ocorrendo e, com isso, a construção das identidades de gênero e de suas performances ganha novos contornos e necessita ser discutida. Esta proposta, assim, cumpre o intento de problematizar essa discussão, buscando inserir nas reflexões propostas a noção de identidade dos sujeitos pesquisadores, envolvidos no projeto.

A desigualdade de gênero é um fenômeno social e cultural, no qual acontece uma discriminação que impacta diversos setores do cotidiano, em âmbito social, de trabalho, familiar,

dentre outros. É fundamental que a sociedade, visando uma igualdade e uma revisão dos papéis dos múltiplos gêneros, discuta as premissas culturais e busque refletir e estabelecer estratégias para dirimir as disparidades encontradas entre homens e mulheres. Para que tenhamos uma sociedade justa e igualitária é preciso contextualizar historicamente nossos fundamentos identitários. Assim, reconhecer o movimento feminista e compreender a luta travada diante da sociedade e a problematização de uma revisão dos papéis performados por homens e mulheres na sociedade é fundamental.

Dessa forma, esta pesquisa se fundamenta na possibilidade de discutir o conceito feminismo, as noções de performance e performance de gênero a partir de estudos pontuais que discutem os papéis sociais desempenhados em diferentes esferas e analisando, de forma fundamentada, as implicações desses papéis na atualidade, tanto em um viés teórico quanto no estudo de caso a partir de análise de sujeitos.

2 METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido se deu com um levantamento dos conceitos de performance, performance de gênero, performance social e feminismo, baseado no estudo teórico dos processos, livros, revistas, artigos especializados, dissertações de mestrado e doutorado que tangem o assunto. Consiste, ainda, na coleta de dados e estudo de caso com entrevistas com sujeitos selecionados para pesquisa, com o objetivo de compreender como se dá a percepção no que tange os conceitos estudados e o contexto das performances, de modo geral e específico.

A pesquisa fundamenta-se, ainda, por meio de uma reflexão das metodologias aplicadas no curso Integrado de Agropecuária do Campus Colinas do Tocantins do IFTO, por meio de memorial das pesquisadoras. Buscou entender melhor a preparação das meninas e as distinções na formação escolar técnica. Também foi analisada, quantitativamente, a presença feminina na área técnica utilizando-se um levantamento de dados do número de meninas matriculadas no curso, para, posteriormente problematizar os resultados a partir de pesquisa e referencial bibliográfico no que se refere a mulher e suas demandas e papéis sociais e a sua participação efetiva na área da agropecuária.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Marla Cisne (2014), a mulher vem sendo excluída do meio social e apagada da narrativa da existência humana. Podemos dizer que há uma luta contra a padronização da identidade feminina e por igualdade de direitos. Há um silenciamento cultural, por parte da mídia, que impõe que as mulheres não podem fugir de um modelo padrão de feminilidade, imposto socialmente. É possível

perceber que imposições culturais relativas à performance do gênero feminino são propagadas pela mídia e repetida de geração em geração.

Judith Butler, em seu *Problemas de Gênero*, fala sobre a construção social do gênero e como socialmente desempenhamos papéis que nos são designados. Para ela a noção de gênero é “um projeto que tem como fim sua sobrevivência cultural” e que, portanto, sua construção pode ser tanto intencional como um ato performativo: pensar no gênero como ato performativo significa atribuir a ele uma construção consciente de ações desempenhadas (BUTLER, 2008, p. 199).

Ser do gênero masculino ou feminino já implica que a pessoa tenha que desempenhar um conjunto de ações, uma performance social, que seja condizente ao que se espera desse gênero. E “o fato de a realidade de gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas” (BUTLER, 2008, p. 201).

Um exemplo da imposição social que delimita os deveres da mulher é retratado no filme *O Sorriso de Mona Lisa* (2003), de Mike Newell. Na obra pode-se notar muito bem que historicamente o único dever da mulher era casar e cuidar do marido e dos filhos e, com isso, não poderia se formar e buscar sua autonomia, pois tinha que se dedicar especificamente a família. O contexto do filme é o início da década de 50, porém ainda é possível perceber algumas das questões levantadas presentes no nosso cotidiano. Como, por exemplo, a forma que as meninas ainda são tratadas na sociedade, ainda cumprindo um propósito de constituir família e ter habilidades para cuidar dos seus. Ainda é comum ouvir quando uma menina prepara uma comida boa dizerem que “já pode casar” ou, ainda, se está estudando “é uma menina para casar” e se não se arrumar femininamente não conseguirá um marido ou até mesmo o marido vai procurar outra de acordo com o comportamento de apresenta. Essas generalizações ainda fazem parte do nosso cotidiano, como mostrado no filme, e demonstra como a sociedade ainda estipula um “papel” a ser performado pelo gênero feminino.

Nossas ações e desempenhos sociais são, segundo Schechner, comportamentos reestabelecidos (*restored behavior*), uma “recombinação de comportamentos já feitos (já comportados)” (SCHECHNER, 2002, p. 28) e que, segundo Marvin Carlson, pré-estipulam algumas condutas que cada indivíduo deve exercer socialmente (CARLSON, 1996, p. 04). Existem ações que são esperadas de uma pessoa de acordo com a situação em que se encontra e essas ações fazem com que haja uma unidade de comportamento pré-estabelecida. Assim, há uma variação de repertório a ser re-significado por cada grupo.

O filme *O Sorriso de Mona Lisa* também mostra algumas propagandas da década de 1950, em que as mulheres eram expostas na TV fazendo atividades domésticas e ensinando as meninas bons modos para conseguir um marido. Nisso vemos uma construção estereotipada do corpo e da ação das mulheres, que interfere na criação e na forma como elas lidam com sua autonomia. Em dias atuais

ainda é bem retratada essa questão na Televisão quando mulheres são objetificadas em programas e impostas a uma adequação social que determina uma feminilidade corporal e uma submissão aos homens. Hoje, em 2019, ainda vemos várias propagandas com essa objetificação do corpo, como em divulgação de marcas de cerveja e cigarros.

Na propaganda abaixo, da década de 1950, vemos a frase “Mulher não sai da cozinha” aludindo ao espaço designado para a mulher. É possível ainda perceber que no texto é claro que o lugar da mulher é subserviente ao do marido. Esse tipo de propaganda reproduz um estigma cultural que é reproduzido e endossado pela mídia.

Figura 1 — Propaganda da Década de 1950 parte do acerto do artista libanês Eli Rezkallah



Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/22/este-artista-transformou-propagandas-machistas-do-seculo-20-em-um-manifesto-feminista_a_23340456/

O artista Eli Hezkallah fez uma releitura contemporânea dessas propagandas machistas, apresentando outros olhares para o papel da mulher na sociedade, por compreender que estas imagens podem influenciar pensamentos machistas¹. A desconstrução desse pseudo-espaço feminino vem quebrar com imposições culturais evidenciando a liberdade de escolha da mulher contemporânea. É importante perceber que a televisão brasileira e demais meios de comunicação não são só um produto da indústria, uma vez que possui um papel importante na sociedade devido sua grande influência. Possuem a capacidade de criar personagens de modelos identitários, que serão referências.

Em *Feminismo e Consciência de Classe no Brasil* (2014), de Mirla Cisne, vemos que as mulheres, na maioria das vezes são “incubadas” e não conseguem enxergar o machismo, os assédios

1 A obra do artista e as releituras contemporâneas das propagandas podem ser vistas no site: https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/22/este-artista-transformou-propagandas-machistas-do-seculo-20-em-um-manifesto-feminista_a_23340456/

diários e as violências. Isso se dá não por não quererem ou por aceitarem essas imposições, muitas vezes isso ocorre simplesmente pelo motivo que sempre conviveram em uma sociedade patriarcal, na qual há uma normalização da diminuição feminina. Essas mulheres não tem a mínima ideia do quão são capazes de conseguir ter a sua autonomia sem uma figura masculina ao seu lado.

Erving Goffman (1989) diz que nós, enquanto sujeitos, temos diferentes máscaras e que para todos os contextos adquirimos uma máscara específica, com a qual mais se identificam. Porém, uma dessas máscaras é moldada pela sociedade, na qual diz como você deve se portar diante de todos e de alguma situação. Pode se dizer que sempre é a máscara na qual usamos para não sair tão fora dos padrões, para não ser criticado. É possível dizer que há uma generalização histórica na qual a mulher sempre foi vista pela sociedade como um sexo frágil e que precisa de uma figura masculina ao lado para se manter financeiramente e obter um mínimo de dignidade. A sociedade, desde sempre, impõe padrões a serem seguidos pelas mulheres, tais como a forma de se vestir e o comportamento. Em seu *As mulheres e a história: Uma introdução teórica metodológica*, Losandro Antonio retrata bem isso quando diz que “Esses papéis, oriundos de representações, contidas ao longo do tempo, foram determinados pelo olhar masculino, e, conseqüentemente, as representações sociais e sua relação com o poder, contribuíram para produzir a alteridade e a identidade feminina” (2012, p. 87). Pode-se então notar que desde sempre o homem tem maior autoridade em todos os sentidos, mulheres são “confinadas” em casa para reproduzir e cuidar da casa, se limitando a isso.

No livro *Para Educar Crianças Feministas* (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie, é possível perceber que para ter uma sociedade melhor é preciso educar as crianças sem divisão de sexos, deixando-as tomar suas próprias decisões, sem influenciá-las, como sempre foi feito através de brinquedos, onde vemos que para meninas são dados bonecas e vasilhas, para já irem aprendendo a cuidar da casa, e para meninos são dados carrinhos e brinquedos eletrônicos. Pode-se notar que desde sempre as meninas são influenciadas a serem comportadas, dóceis e a sempre cuidar da casa e dos filhos, enquanto os meninos passam o dia na rua brincando e podem se comportar como bem entenderem.

Podemos observar que a função da mulher é algo cultural, na qual são impostos pelo meio em que vivem suas limitações. Segundo Erving Goffman (1989), para nos reconhecermos socialmente precisamos entender qual papel desempenhamos e termos a consciência de que todos nós representamos um papel, conscientemente ou não. Podemos então pensar que cada um de nós possui mais de uma representação de um papel. É necessário, para compreender o indivíduo, ainda mais para compreender sua performance, ter consciência desses vários papéis e das relações criadas graças à diversidade dos papéis, gerados como de acordo com as influências do contexto social do indivíduo. É importante, acima de tudo, “o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar mais ou menos conscientemente, representando um papel” e é “nesses papéis que nos conhecemos uns

aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos [...] esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser” (PARK *apud* GOFFMAN, 1989, p. 27). Percebemos que a idealização do nosso ser e, com isso, os papéis que escolhemos, ou que são socialmente escolhidos para performarmos, interferem nas máscaras que usamos em cada situação e com cada grupo de convivência.

Judith Butler trata a transformação da corporeidade feminina como performance ou ‘ato performativo’, na medida em que se apresentam na sociedade atuando em um “papel” construído: o do gênero feminino (2008, p. 197). Segundo Butler o gênero é um dos fatores que determinam o repertório de ações e comportamentos de um indivíduo. (2008, p. 200). Ser mulher vai além de uma dicotomia pré-estabelecida para construção do gênero, sendo um fator fundamental a compreensão da performance social. Para tanto, é necessário o contato com estudos feitos a respeito de gênero, buscando compreender de que forma elas agem, se moldam fisicamente, como se dão os conflitos vividos e a tentativa de conquistar seu espaço na sociedade para estabelecer seu espaço. A busca diária das mulheres em se afirmar e conseguir uma valorização na sociedade, prioritariamente concebida aos homens, faz com que elas precisem estar constantemente atentas as suas ações e comportamentos.

Afim de exemplificar essa imposição social do papel da mulher é possível refletir sobre o curso de Agropecuária do IFTO, no qual vemos que há uma grande procura do gênero feminino, porém, quando analisamos a inserção profissional por gênero temos uma maioria de homens atuando na área. Segundo os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) contínua no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de mulheres atuando no agronegócio aumentou 8,3% de 2004 a 2015. Em uma entrevista feita pelo site ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio) a Engenheira Agrônoma Camila Felli relata que tem dificuldades de notoriedade no campo, mesmo sendo formada, devido os homens serem “tradicionais”, ainda acreditando que o campo é mais masculino. Vemos que apesar do aumento da participação feminina no Agronegócio ainda há preconceito na contratação de mulheres, sua inserção é dificultada pela tradicionalidade dos produtores e o que é lhe oferecido como melhor opção é negado por conta do gênero. Gomes diz que “Na antiguidade, a atribuição de tarefas domésticas exclusivamente as mulheres, começou a solidificar-se como um aspecto decorrente da natureza do sexo feminino e como base para a rígida divisão do trabalho entre homens e mulheres” (2005, p.3). É perceptível que o papel da mulher na sociedade é uma questão cultural, na qual é feito uma divisão de trabalho.

Em sala de aula diversos professores relatam que em sua época de estudante a presença de mulheres na turma era baixa, quase não se tinha. O professor Paulo Hernandes, atual diretor do campus, contou em evento institucional que em sua época de formação a turma de Agropecuária tinha somente 4 mulheres. Hoje, em 2019, no campus Colinas temos 21 alunas cursando essa área. Atualmente não é comum ver professoras ministrando aulas técnicas, sendo que no campus Colinas há

a presença de apenas uma professora. Em contraponto, há mais meninas presentes matriculadas no curso.

Como estudante da área de agropecuária percebe-se que geralmente nas atividades práticas no curso técnico de agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, que há uma diferenciação de tratamento através da divisão de trabalho, no qual meninas fazem o serviço mais leve e os meninos o oposto, levando em consideração o condicionamento físico preciso para atender as demandas de serviço. Contudo, cabe problematizar se essa diferenciação irá preparar as meninas para competir o mercado de trabalho. Há uma necessidade da criação de metodologias em que todos participem das atividades promovidas na área e necessidade de discutir como formar corpos diferentes, que sejam autônomos e possam competir no mercado.

Em algumas aulas práticas realizadas no Campus Colinas do Tocantins há uma diferenciação de tratamento de meninas e meninos através da divisão de trabalho, o que prejudica o aprendizado e dificulta inserção das meninas no mercado já que a maioria das atividades exigem uma determinada força braçal. Aulas teóricas tem sua importância, mas aulas práticas são essenciais para memorização e execução no ramo comercial. É um grande desafio para as mulheres da área que além de serem discriminadas pelos homens, podem não ser bem preparadas para o serviço.

Através do levantamento do número de matrículas de meninas no curso técnico de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio dos últimos 4 anos, temos os seguintes dados: 2016 tivemos 27 meninas de 41 alunos ao todo, 2017 houve um aumento de 37 meninas de 69 alunos, 2018 decaiu para 33 e, por fim, em 2019 ocorreu um decréscimo para 21 meninas de 44 alunos. Podemos observar que houve uma grande participação feminina na área de Agropecuária nos últimos 4 anos, sendo que nos anos 2016, 2017 e 2018 a inserção de meninas foram maiores que as dos meninos. Essas informações mostram que há a precisão de métodos proveitosos às meninas, para que tenham uma boa preparação que atendam as expectativas de mercado em relação a atividades que exigem um determinado físico, assim, a competição no mercado será mais justa. Também há a necessidade de conhecimento dos professores sobre a participação feminina que só aumenta, com ciência da situação atual poderiam desenvolver estratégias que envolva a inclusão de todos os alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir que os valores de antigamente, com atribuições sociais impostas em relação às escolhas femininas ainda tem grande influência na sociedade atual, apesar da luta das mulheres, do feminismo, que obteve bons resultados. O homem ainda é, em muitos contextos, considerado superior às mulheres e a sociedade ainda possui um pensamento machista, que prioriza o homem.

No curso técnico de agropecuária são feitas divisões de trabalho que as vezes não incluem as meninas, o que prejudica seu aprendizado dificultando sua inserção no mercado de trabalho, por não serem bem preparadas. Sabendo que as mulheres enfrentam situações difíceis de atuação no ramo, sofrendo preconceitos de homens de criação tradicional e não aceitam sua opinião por questão de gênero, é fundamental o desenvolvimento de metodologias que sejam proveitosas tanto para as meninas como para os meninos. Levando em consideração, também, a crescente participação feminina na área.

É notório que o dever da mulher na sociedade é determinado pela cultura que faz uma divisão de tarefas na qual são encarregadas da educação dos filhos e dos afazeres de casa. As mulheres já demonstraram seu potencial de trabalho e a capacidade de execução de tarefas no campo, sendo administrando ou até mesmo fazendo o serviço braçal, mas a ideia de sexo frágil ainda é presente em nosso cotidiano, atrapalhando a inclusão da mulher em áreas consideradas masculinas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CARLSON, Marvin. **Performance a critical introduction**. Londres e Nova York: Routledge, 1996.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- GOFFMAN, Irving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1989.
- GOMES, Almiralva Ferraz. “O outro no trabalho: mulher e gestão ensaio – administração geral”. **Revista de Gestão USP**. São Paulo: Universidade Federal da Bahia, 2005.
- JAYME, Juliana Gonzaga. “Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: pensando a construção de gêneros e identidades na sociedade contemporânea”. Salvador: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação In. **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2002.
- SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: an Introduction**. Londres e Nova York: Routledge, 2002.
- TEDESHI, Antonio Losandro. **As mulheres e a História: Uma Introdução Teórica Metodológica**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.